Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Príncipe
Vira
Asno

O Príncipe Vira Asno

Existiu em outros tempos uma Rainha de muito bom coração, soberana de um grande estado.
Tinha um filho, o Príncipe Ademar: um rapaz robusto, discreto e inteligente, que sua mãe, num excesso de amor maternal, achava o melhor e o mais distinto dos homens.
A Rainha era tão nobre e tão bondosa, que seus súditos viam nela uma solícita e carinhosa mãe, e como tal a consideravam.
Na verdade, ela se comportava como se realmente o fosse: consolava os tristes, os aflitos, protegia e ajudava os infelizes e perdoava os que erravam. Por isso reinavam no país a paz e a alegria. Corria tudo às mil maravilhas. E como além disto a Rainha era muito humana e acolhedora, deixava
entrar no palácio grande número de súditos, aos quais dava presentes, secando muitas lágrimas.
Uma coisa, sem dúvida, a magoava, e de vez em quando anuviava o céu de sua bela alma: ela havia observado que as pessoas não amavam a verdade, e que geralmente abriam suas bocas para mentir, com a mesma freqüência com que as abriam para comer, ou seja, que alguns diziam tanta mentira quanto os bocados que comiam. A maior parte o fazia sem má intenção, e ao soltar uma mentira achava que não havia nela nada de ruim nem pecaminoso: mentiam ao próximo só por educação.
Assim, a cada instante, a Rainha ouvia, por

exemplo, uma de suas damas dizer a outra, ao se despedir: “Até breve!”, e a soberana sabia muito bem que a vontade da primeira seria não tornar a ver em sua vida a segunda, nem mesmo em retrato. Outras vezes ouvia o mordomo desejar boa viagem ao escudeiro, e a Rainha sabia que, no íntimo, ele desejava justamente o contrário.

Em certa ocasião ela viu o sobrinho de um ministro, com cara alegre, desejar a este que se restabelecesse logo de uma enfermidade que o atacava, enquanto dizia consigo mesmo: “. . . mas se teimares em viajar para a eternidade, melhor para mim; o dinheiro que tens me virá a calhar!”

Deste modo, via a Rainha que era costume se encobrir o ódio e se disfarçar a raiva por trás de doces sorrisos e suaves e lisonjeiras frases, e tudo isso, naturalmente, magoava sua alma, que era ingênua e sincera. Ficava ainda mais aflita quando observava que seu filho, o Príncipe Akemar (que ela considerava o mais distinto de todos!) adquiria aqueles maus hábitos e ia ficando parecido com os outros.

Certa manhã, depois da refeição matinal, a nobre dama havia consolado e favorecido amplamente uma pobre mãe que tinha perdido o filho; ouvia no pátio o Príncipe Akemar dar as boas-vindas, com grande entusiasmo, ao camareiro-mor, recém-chegado ao palácio, e que o Príncipe - a Rainha bem o sabia - odiava.

Pensativa e mal-humorada, ela se retirou para o seu tranqüilo quarto, para ali refletir e chorar pela maldade do filho, do qual ela se orgulhava tanto, apesar disto.

Deitou-se no macio sofá, fixou os olhos no teto e pensou . . . pensou...
Lá fora, do outro lado da janela, a primavera começava a fazer brilhar seus encantos: os dourados raios do sol pareciam brincar de esconder com os passarinhos folgazões, que trinavam de contentamento quando conseguiam prender alguns dos raios. A macieira do pomar inclinava discretamente seus ramos e sugeria a antiga canção, repetindo seu estribilho:
“Muito bela é a virtude, mais bela ainda a juventude; mas a beleza ideal é um coração jovial.”
A Rainha, porém, não entendia nada disto: pensava e cismava. De repente começou a soprar uma suave brisa, e atirou pela janela, no aposento real, uma viçosa flor de maçã, que foi parar no sofá onde a Rainha se achava mergulhada em seus pensamentos.
Ela não teria notado - tão absorta estava se a flor de repente não abrisse o seu cálice, dele saindo uma diminuta menina, branca como a neve, e que exalava tão agradável perfume, que todo o compartimento foi inundado por um aroma que parecia de fruta acabada de colher.
Na mão levava a menina uma pequena maçã, e ela falou à Rainha com voz delicada e de timbre suave, dizendo:
- Meu nome é “Senhorita Flor da Maçã”. Todos os anos ofereço aos homens mil ricas maçãs, de faces coloridas; porém a que completa mil é uma fruta ordinária e vulgar como as outras, mas contém um desejo, e eu a dou à criatura bondosa que, durante o ano, tiver feito mil obras benéficas.

- Tu, soberana senhora, acabas de fazer, há um minuto, tua milésima boa ação deste ano, consolando e auxiliando aquela pobre velha. A ti pertence, portanto, a maçã do desejo, e aqui está ela. Coma-a, e será atendido qualquer desejo que tenhas, imediatamente depois que o manifestares.
Tornou a soprar a brisa suave de pouco antes, e a flor de maçã, de onde havia surgido a diminuta garota, se fechou de novo e voou, fugindo pela janela. O doce perfume que continuou no quarto e a maçã deixada pela menina no tapete convenceram a Rainha de que aquilo tinha sido alguma coisa mais do que um sonho.
Pegou em suas mãos reais a maçã, examinou-a detidamente e disse com voz clara:
- O meu desejo é que toda palavra que sair dos lábios de meu filho, o Príncipe Akemar, seja pura e deixe transparecer a verdade.
Dizendo estas palavras, comeu a fruta sem deixar dela nenhum resto. Com o coração cheio de alegria, foi para a mesa, onde o príncipe a aguardava, já impaciente. Ele estava naquele dia de mau humor, e a mãe o encontrou passeando para cima e para baixo, na sala de refeições.
- Atrasei-me um pouco - disse ela sorrindo -; me perdoe, meu filho.
- Está bem, querida mãe; mas é que estou com muita pressa, porque, assim que acabar de comer, preciso sair de casa. Os cavalos já estão selados.
E voltando-se para os criados, ordenou:
- Eh, tratem de apressar-se também.
Rapidamente se puseram todos a trabalhar, com pratos e bandejas, e com a pressa uma destas caiu

ao chão e se fez em mil pedacinhos.
- Eh, você aí, cabeça de carneiro - disse contrariado o Príncipe ao pajem que havia quebrado a bandeja, e no mesmo instante a cara do pajem se transformou em focinho de carneiro.
A coisa foi tão cômica, que o Príncipe Akemar rompeu numa ruidosa gargalhada, mas a Rainha sentiu-se presa de horror e espanto. Perguntou então o Príncipe:
- Qual foi hoje o pior prato? Porque todos foram bastante ruins. Chamem depressa o cozinheiro.
Este apareceu, tremendo de medo.
- A sopa estava queimada - lhe disse o Príncipe, em tom de repreensão - e até o sal puseste com avareza no assado.
- Perdão, senhor - replicou pacificamente o cozinheiro -; pus a mesma quantidade de sal dos outros dias.
- Vou mandar pendurá-lo em teu nariz, tratante e mentiroso! - gritou com raiva o Príncipe.
De fato, naquele mesmo instante apareceu o assado pendurado no nariz do cozinheiro, sem que este pudesse desprendê-lo, por mais esforços que fizesse. Aturdido, o criado se afastou dali, enquanto o Príncipe o seguia com estrondosa risada; mas a Rainha estava cada vez mais horrorizada com o que acontecia. Levantou então as mãos para o filho, dizendo:
- Meu filho, peço que não tornes a desejar nada de mau para ninguém, pois estás vendo que se cumpre ao pé da letra cada desejo que pronuncias.
- É realmente maravilhoso - respondeu o Príncipe, sem deixar de rir -; mas tranqüiliza-te, mãe, que da

próxima vez saberei dominar-me.
Depois disto, continuaram a comer sem dizer uma palavra. A Rainha sentia a tristeza invadir seu coração. Reprovava a si mesma, intimamente, por ter querido fazer seu filho diferente dos outros homens. Naquele momento desejaria poder voltar atrás no seu desejo; mas já não era mais possível.
O Príncipe acabou de comer, levantou-se e chegou à janela para dar ao escudeiro-mor a ordem para preparar imediatamente os cavalos.
- Perdão, senhor - respondeu este -; os animais se inquietaram e foi preciso desarreá-los.
Vermelho de cólera, o Príncipe exclamou:
- Malditos animais que não prestam! Que o diabo os leve!
Repentinamente se apagou o sol e caíram sobre toda a região as trevas, de modo que não se enxergava nada. Na parte mais funda da estrebaria se ouviram uns relinchos, que se aproximavam cada vez mais. De repente desceu também uma mão de fogo, mão em garra, que agarrou os cavalos a tremer e os carregou pelo ar, desaparecendo.
Clareou novamente o dia, o sol iluminou os semblantes desconcertados da Rainha, do Príncipe e dos criados. Estavam todos mudos de espanto.
O primeiro a voltar a si foi o Príncipe, que soltou profundo suspiro; mas, ao perceber que havia perdido seus amados cavalos, começou a derramar lágrimas de arrependimento pela sua falta de juízo.
- Por que eu não soube dominar-me, asno que sou?
Mal pronunciou estas palavras, sentiu em si como que uma transformação: suas pernas se afinaram, e cresceram mais duas (tão finas como as outras) no

ventre; suas costas se alargaram, curvaram-se para a frente, e as orelhas encompridaram desmedidamente. Depois caíram rapidamente as roupas que vestia, e seu corpo se cobriu todo de um pêlo comprido e acinzentado. Estava convertido num verdadeiro asno!

Oh, quantas lágrimas derramaria a pobre mãe! e como isto partiria o coração dos súditos, tão dedicados a ela! Porém não havia mais remédio: era irreparável.

Imediatamente a Rainha encomendou um estábulo de mármore, com manjedoura de ouro, onde pudesse instalar-se o filho comodamente; porque, embora ele agora fosse um burrico, nem por isso o estimava menos do que antes!

O Príncipe, por sua vez, sentia-se profundamente triste, e o estábulo de mármore não podia fazê-lo feliz; melhor seria uma cabana de palha, contanto que ele pudesse tornar a ser homem...

Quantas vezes pensaria que, ali onde antes havia mandado como Príncipe, agora o desprezavam, e dele se compadeciam!

Como estes pensamentos lhe oprimiam horrivelmente a alma, resolveu afastar-se daquele lugar, nem que tivesse de se alimentar de míseros cardos, e de executar duras tarefas. Qualquer coisa seria melhor para ele do que estar em sua casa com o focinho metido na manjedoura, e do que presenciar o pranto de sua mãe e as inúteis e curiosas complacências de seus criados.

Assim, numa noite bem escura abandonou furtivamente o palácio e partiu sem destino. Ao amanhecer, à estrebaria achava-se vazia, e a

amorosa mãe ficou para morrer. Porém, como amava muito o seu povo, procurou consolo e o encontrou em obras de caridade, e dali por diante se dedicou, ainda com maior afinco, a auxiliar e proteger os infelizes, a enxugar lágrimas e a socorrer todos os necessitados.
O Príncipe asno caminhou dez horas seguidas, até estar seguro de que ninguém o conheceria, nem o levaria de novo para o palácio.
Depois de estar a uma grande distancia, se encontrou com um homem que arrastava uma carroça carregada de grandes vasilhas. Mas o homem viu o animal, parou, e, imaginando que ele não teria dono, dele se apoderou e o atrelou na carroça. Estava com sorte; já não teria mais que arrastar a sua carroça; iria comodamente ao lado do burrico, e de quando em quando ainda poderia subir para o veículo.
Esfregou as mãos de satisfação, e continuou seu caminho em agradável companhia. Pouco antes de entrar na cidade, chegaram a uma fonte e o homem gritou:
- Eh, burrico! - E pegando cada uma das vasilhas, que estavam meio vazias, encheu-as com água do cano, esfregou novamente as mãos, de contentamento, e disse: - Vamos, burrico! - até chegarem à cidade.
Ali foi parando em frente das casas, onde cozinheiros e empregadinhas acudiam com seus jarros para pegar o leite que o homem da carrocinha ia entregando.
Diante de uma pobre choupana estava uma mulher, de rosto maltratado, pelo qual corriam copiosas

lágrimas. Adiantou-se até o carroceiro e lhe disse, suplicante:
- Eh, bom homem! Dê-me depressa um quarto de leite, que minha filha está doente e o espera com impaciência; mas que seja puro, não aguado; ontem a minha pobre Áurea piorou depois que bebeu o leite que o senhor trouxe.
- Como? - disse o leiteiro. - Que atrevimento é este?. . . Então eu sirvo leite aguado? Eh, sai do caminho, que tu não és digna dele!
- Pelo amor de Deus, não faça isto! Dê-me o leite como estiver! - implorou a mulher. - Minha filha está com sede! Não falarei uma palavra mais do leite.
- Não e não, porque és insolente e atrevida! - E consigo mesmo ele disse: "Para essa gentinha dá-se lavagem, em vez de leite. . ."
Mas a mulher insistia, e, como não conseguia o que queria, começou a rogar pragas:
- Tomara que o senhor seja condenado a ter de engolir de uma vez todo o leite aguado que traz aí!
O burrico, que, sendo um burro, tinha ficado calado e paciente, relinchou confirmando a praga da mulher, e o homem da carroça foi engolindo uma vasilha atrás da outra, e no meio de queixas e lamentos, encheu-se até quase estourar, a ponto de terem de levá-lo para o hospital.
O Príncipe asno, que não podia dizer senão a, pura verdade (naquela ocasião, com seu relincho ele a proferiu), ficou tranqüilo e paciente ali parado, presa á sua carroça, diante do casebre da pobre mulher. Esta o pegou pelo cabresto e com grande carinho lhe disse:
- Vem comigo, bom animalzinho: vem para a minha

casa, que serás muito bem recebido, embora tenhas de contentar-te com o que houver. Onde comem dois, um terceiro não morre de fome.
Entrou o asno na mísera choupana, onde jazia, numa pobre cama, uma menina lindíssima, mas pálida que nem morta.
A menina sorriu, afetuosa, ao ver o inesperado hóspede, e, sacudindo seus cachos de um avermelhado, disse com voz apagada:
- Oh, que amor de burrico! Quero ele para mim, mãezinha! Vamos brincar, os dois!
A mãe olhou para a filha, enternecida, e lhe disse:
- Está bem, minha filho, ficarás com o burrico; precisas é ficar boazinha e poder pular como dantes. Queira Deus que assim seja!
Estas últimos palavras foram seguidas de um relincho do asno, que abaixou pacatamente as orelhas. Assim ele expressava o seu assentimento.
De repente, a menina saltou da cama, suas faces recobraram a sua cor viçosa e rosada, ela deu satisfeita uma volta em torno da mesa, e, lançando-se ao pescoço do burrico, o beijou e lhe fez mil carícias. Era tudo contentamento, da humilde casa. Mas não ia durar muito tempo.
Apareceu de repente um antipático visitante: um sujeito magro, com as roupas sobrando no corpo; uma cabeça com uns fiapos de cabelo, e um nariz pontudo surgindo de um rosto enrugado. Era o proprietário da casa.
Com seus olhos minúsculos e maldosos, ele observou aquele terceto, e disse em tom meio de censura, meio de zombaria:
- Ah, então as coisas vão bem, não é? Ganharam na

loteria ou gastaram o dinheiro que me devem de seis meses atrás, do aluguel? Não vou esperar mais!
- Só uns dias mais, pelo amor de Deus! - suplicou a mulher. - Agora que a menina está boa, poderei trabalhar de novo, arrumando e lavando. Pagarei até o último níquel!
- Tudo mentira - replicou ele -; quem sustenta um burrico por puro passatempo, não é assim tão pobre, que não tenha com que pagar a casa. Portanto, ou pagam agora mesmo, ou vão para a rua! É a minha última palavra!
- Espere um pouquinho mais! - suplicou a mulher.
- Nado disto. Hoje mesmo vão abandonar esta casa; a menina pode ir para a minha residência e pagar a dívida trabalhando; e o burrico, fico com ele, de presente.
A mulher saltou ao ouvir estas palavras e gritou, decidida:
- O asno vai comigo: ele me pertence.
Apesar disto, o homem segurou o asno pelo cabresto, e o puxava, quando a mulher, num acesso de cólera, exclamou:
- Usurário de marca maior ! Quero ver-te com o pescoço e as pernas em pedaços, antes que leves daqui o nosso bom camarada! - O burrico assentiu com um zurro que soou como um amém no final de uma reza. E como tinha de ser verdade tudo o que ele dizia, aconteceu que o homem tropeçou na escada, soltou um forte gemido e ficou estendido no chão. Quando foram levantá-lo, viram que era cadáver: o pescoço e ambas as pernas se haviam partido pela metade.

A alegria e o riso reinaram de novo na casinha. Durante dois anos viveram muito bem a mulher, a menina e o burrico; mas, passado este tempo, terminou a paz e a harmonia.
Um homem baixinho, de má aparência, aparecia quase todas as tardes para visitar os três: tinha uma boca muito larga, o nariz em ponta de garfo e uma grande corcova; mas usava uma roupa muito enfeitada, e muitos anéis de ouro nos dedos das mãos, que eram grosseiras e peludas.
Quando ele entrava, a menina perdia a jovialidade e em seus olhos se notava que havia chorado. A mãe ficava observando, e se contrariava por mostrar sua filha tanta antipatia pelo homem, que podia ser um bom marido para ela, resolvendo a situação da família, já que aquele sujeito tinha fama de rico.
Esta contrariedade da mãe se acentuou, passando a ser irritação contra a menina, e com isto acabaram tendo algumas discussões. O burrico não compreendia aquela grande mudança de situação.
Um dia filha e mãe tiveram uma séria desavença. O burrico estava no curral, e ouviu a demorada gritaria, interrompida apenas pelos soluços baixinhos de Áurea. Aproximou-se da porta e pôde ouvir as últimos palavras da mãe, que dizia:
- Garanto, filha desobediente e ruim que, se não atenderes aos meus desejos, vai durar pouco a nossa companhia!
A porta se abriu e a menina saiu por ela, chorando; lançou-se ao pescoço do burrico e lhe disse, entre lágrimas e suspiros:
- Vou deixar-te, meu bom burrico. Minha mãe fez questão de casar-me com aquele homem

repugnante, que vem aqui todas as tardes, só porque ele é rico; mas eu não o quero. Morreria de tanto sofrer!
O asno lançou a Áurea um olhar de compaixão e abaixou as orelhas.
Ela sorriu de novo e lhe disse:
- Tu me compreendes, não é, meu amigo? Mas, claro que não te entristeces, porque não tens de casar com ele! Ah, se fosses um homem, como me compreenderias!
O burrico fez com a cabeça um movimento que parecia de aflição, e a linda jovem continuou:
- É que não podes imaginar o quanto me repugna aquele homem e como o detesto. Por nada no mundo eu queria ser mulher dele. Com muito maior prazer, muito mesmo, casaria contigo, mesmo sendo um asno, como és!
E, num momento de infantil vaidade, ela bateu palmas e exclamou:
- Seria bonito, não é? Eu ficaria livre desse corcunda... Ei, querido burrico, não queres ser meu marido? Hem?. . .
O burrico relinchou e deu um alegre salto. Já estavam casados, e o animal saltava e dançava como um louco, dando voltas pelo curral, encantado por ter uma esposa tão linda.
Esta, em troca, olhava receosa para todos os lados, e seu coração deu um salto até o pescoço, quando ela voltou para casa e participou à sua mãe que já tinha marido e portanto não podia mais pensar em outro, nem era preciso.
- Quem é ele?. . . - perguntou a mãe, surpresa.
- É o nosso burrico...

- Valha-me Deus! - exclamou a mãe, fora de si. - O asno é teu marido? Oh, pobre de mim, a mais desventurada das mães, que tem um asno como genro! - E, voltando-se para a filha, lhe ordenou que abandonasse imediatamente aquela casa, com o seu companheiro burrico, e que os dois não cruzassem mais o umbral daquela porta.

Áurea tomou então pelo braço o seu estranho marido, e saíram ambos da casa materna. A jovem chorava por dentro, dizendo consigo mesma:

- Ah, se fosses um homem, como eu te quereria!

Andando pelo mundo, eles chegaram a um frondoso bosque, onde havia um temível gigante, que vivia numa caverna e cujo manjar preferido eram crianças pequenas, cuja carne ele cozinhava e temperava com mostarda.

Quando chegaram à caverna, viram logo que estava habitada, e, como sentiam fome, começaram a gritar e a se lamentar. Naquele instante apareceu o gigante, e quando os viu se pôs a rir com tamanho barulho, que suas gargalhadas ressoaram por todo o bosque.

- Estão chegando bem a tempo - ele rugiu -; há duas semanas que não como carne tenra de ser humano: tu és uma menina crescida, mas, temperada com mostarda, ficarás gostosa como uma garotinha de dois anos!

Enquanto falava, agarrou a horrorizada Áurea e arrastou-a para dentro do seu covil. O Príncipe asno a seguiu, a tremer.

Dentro da caverna havia uma tigela de porcelana, do tamanho de um sino de igreja, com uma colher que parecia uma pá de pedreiro.

O gigante estalou a língua e olhou para o fundo da tigela.
- Ah, - exclamou - minha vasilha de mostarda está vazia! Ei, asno! vem cá, e vê se serves para alguma coisa. Vai depressa buscar mostarda fresca e volta logo. Preciso dela para que a carne da pequena fique bem temperada. - Dizendo isto, - deu ao asno o dinheiro necessário e prendeu a tigela ao lombo dele.
O burrico saiu correndo, e dali a pouco viu um grande monte de areia amarela, no limite do bosque, e em seu cérebro de burrico surgiu uma feliz idéia: correu à cidade, comprou pimento daquela mais picante e sal do mais concentrado que pôde encontrar; além disto, ainda uma porção de vinagre, também do mais azedo que encontrou.
Voltou muito contente para o lugar da areia, colocou uma quantidade regular dela na tigela, depois acrescentou o sal, a pimenta e o vinagre, agitando bem tudo, com uma vara de lúpulo.
Imediatamente voltou para a caverna do gigante, que o aguardava com impaciência. Entregou-lhe a mistura, aparentando uma grande inocência. O gigante destampou a tigela e ficou encantado com aquela massa amarelo-dourado que estava na sua frente.
- Que asno formidável tu és! - disse, satisfeito, e acariciou-lhe o dorso com sua mão grosseira. - Deste conta maravilhosamente do meu encargo. Bem mereces um par de ossinhos do guisado! Mas antes vou provar a mostarda, para ver se o sabor corresponde à boa aparência que tem!
Meteu a colher na tigela e aproximou dos lábios

uma colherada da mistura.
- Irra! - exclamou contrariado. - O que me trouxeste, estúpido asno? Irra! Isso consome a gente, isso queima! Acudam! Acudam! Estou sufocando!
O asno se empinou nas patas traseiras, e, enfretando o gigante, soltou um forte relincho, que era uma confirmação para as últimas palavras do gigante.
Este, com efeito, caiu ao chão, já morto. Sua cara se tingiu toda de azul.
- Meu esposo adorado, - disse então Áurea, trasbordante de júbilo - tu me salvaste! Ainda me tremem as pernas, quando penso que ia ser devorada por esse monstro. Obrigada, meu querido; nunca esquecerei isto!
Ouvindo o burrico tão doces palavras, e sua mulher chamá-lo de esposo, e querido, pensou de novo em sua miserável condição, e seu espírito se perturbou por uma profunda tristeza.
- Não te aflijas - disse-lhe Áurea com cordial afeto - ; pensa que és meu único esposo, meu maridinho. Ah, se fosses um homem, mesmo detestável e estúpido, como eu te quereria!
Ao pronunciar a última palavra, olhou-o fixamente no focinho e disse:
- Escuta, meu esposo asno; se tens tão grande força que podes castigar com a enfermidade e a morte os homens maus, não poderias fazer alguma coisa por ti mesmo? Não poderias, quem sabe, despojar-te da tua forma de asno?
O asno voltou-se para ela, olhou-a fixamente com seus grandes olhos e ela leu neles uma súplica tão

comovedora, tão íntima, que seu coração se partiu de pena e ela disse:
- Tens um grande desgosto, meu marido; posso saber como ajudar-te?
O burrico lançou-lhe um olhar ainda mais íntimo, mais profundo.
- Parece que minhas palavras te entristeceram ainda mais. Devo continuar a falar?
O asno fez um forte movimento com a cabeça.
- Devo desejar alguma coisa para ti?
Saíram dos olhos do asno, como se fossem espremidas, duas lágrimas.
- O que é isto? Choras? - exclamou maravilhada Áurea, e acrescentou: - Se podes chorar como um homem, também podes transformar-te em homem, não é verdade?
Um zurro foi a resposta afirmativa. E não podia deixar de dizer a verdade.
Imediatamente se desprendeu dele o couro cinzento, peludo, que o envolvia; ele se ergueu e endireitou as costas, suas orelhas murcharam e a moça, assombrada, viu diante de si, como por encanto, o jovem e robusto Príncipe. Ele a tomou carinhosamente nos braços e lhe sussurrou ao ouvido:
- Vem comigo para minha casa, para o meu palácio, minha esposa, minha adorada, pois desde já és uma Princesa. Tu me redimiste. Meu eterno amor e a gratidão de minha mãe serão tua recompensa.
A amorosa Rainha se achava no seu solitário aposento, estendida no seu macio sofá e entregue às suas cismas. Seu pensamento não podia afastar-se do filho, o asno cujo paradeiro ela ignorava.

Pouco antes havia perdoado da pena capital e libertado um inimigo preso, mas a pobre mãe nem tinha ânimo paro se alegrar com a sua boa ação. A preocupação com Akemar mantinha seu coração em constante mágoa.
Porém voltou a primavera: os passarinhos recomeçavam seus brinquedos com os raios do sol, e a flor de macieira murmurou de novo seu antigo, seu eterno canto.
Como em outros tempos, invadiu o aposento real um perfume embriagador; a flor de maçã apareceu diante da Rainha e lhe falou com aquela sua voz delicada e de belo timbre:
- Novamente completaste mil obras benéficas, ó soberana, e novamente venho oferecer-te a maçã do desejo.
Brilharam os olhos da Rainha, ao ouvir frases tão lisonjeiras, e ela quis expressar seu único, seu ansioso desejo, aquele no qual pensava durante o dia e com o qual sonhava durante a noite; mas a flor de maçã a interrompeu, sorridente:
- Guardai o desejo que vos vem aos lábios; vosso filho está redimido. Está lá embaixo, na porta, esperando que o recebais.
A Rainha se pôs de pé como impelida por uma mola, para ir lançar seus braços maternais no pescoço do filho. Mas a flor de maçã lhe impediu a passagem e admoestou-a:
Não me faleis. . ,
no desejo, soberana senhora.
A Rainha sorriu, e derramou lágrimas de felicidade e emoção a um só tempo.
- Sim, - replicou - ó doce, ó amarga, ó aromática

flor de maçã! Tenho um desejo, um desejo da alma. E que meu filho Akemar não seja, daqui por diante, uma exceção entre os outros homens. Quero que ele seja igual aos outros, tanto nas virtudes como nos vícios. Sua boca não será sempre sincera e verdadeira, embora o seja seu coração. Desejo, pois, que meu filho seja sincero em seu coração, em sua alma, mas livre da obrigação de falar sempre a verdade. Porque o contrário foi sua perdição.
- Que isto vos seja concedido, soberana senhora - murmurou a flor de maçã, que, fazendo uma reverência, desapareceu.
Então a Rainha, com o rosto corado e os braços abertos, desceu para o pátio. Ali estava o Príncipe Akemar, tão vigoroso como em outros tempos, e dando a mão a uma linda jovem, de cabelos crespos e avermelhados e olhos muito brilhantes.
- Ajoelha-te, adorada esposa! - disse o Príncipe. - Olha que se aproxima a mais bondosa e mais afetuosa das mulheres que existem no mundo, minha mãe, e amorosa Rainha.
Esta mandou que a linda jovem se levantasse e a beijou em ambas as faces. Depois disse:
- Vivei alegres e felizes, meus filhos. Muito já padecestes; agora é tempo de regozijar-vos. Assim, pois, vos desejo felicidade e beleza em abundância.

FIM